

MUITO MAIS-QUE-HUMANA: A DESISTÊNCIA DA ESPÉCIE ENQUANTO PRÁXIS DECOLONIAL

**MUCHO MÁS-QUE-HUMANA:
LA DESISTENCIA DE LA ESPECIE EN TANTO PRAXIS DECOLONIAL**

**MUCH MORE-THAN-HUMAN:
SPECIES DESERTION AS DECOLONIAL PRAXIS**

Enviado: 11/09/2023

Aceptado: 07/04/2024

Mar Revolta

Graduada em Engenharia Mecatrônica pela Escola Politécnica da USP (Brasil), mestra em Engenharia Mecânica pela TU-München (Alemanha).

Email: mar.revolta.23@gmail.com

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



não sou humana

pois essa categoria sempre foi reservada
aos homens cis-hétero brancos
magros ricos e sem deficiência do norte global

não sou humana

pois existem mais de 30 definições diferentes de espécie
a maioria escrita pelos mesmos homens cis brancos
e nenhuma delas me contempla

não sou humana

pois a espécie
é tão socialmente construída
quanto raça e gênero

e pelos mesmos homens cis brancos utilizada
enquanto ferramenta de opressão
estrutural e estruturante à colonialidade capitalista

e Audre Lorde me ensinou
“as ferramentas do senhor
jamais derrubarão a casa grande”

não sou humana

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



pois aprendi com Maria Lugones
que humano / animal
é a dicotomia central
da modernidade colonial

e que veio acompanhada de outros binarismos:

homem / mulher
cultura / natureza
civilizado / selvagem

e Greta Gaard bem apontou:

um dos lados
- o deles -
sempre superior

o outro
- o nosso -
sempre subalterno

não sou humana

pois quando dizem que sou
o que querem dizer mesmo
é que sou obrigada a pagar boleto

não sou humana

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



pois se fosse
não precisaria tanto
lutar por direitos

não sou humana

pois as travas as sapas as monas
as pretas as gordas as monstras
as originárias as neuroatípicas as com deficiência

nós
e todas as outras dissidências
sempre fomos animalizadas

e é justamente através da nossa animalização
que a racionalidade colonial branca
“justificou” e segue “justificando”

o racismo
o genocídio
o epistemicídio
a escravização

afinal, a gente nem tem alma!

não sou
humana

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



pois humano
não é só espécie

é o projeto de mundo
dos mesmos homens cis brancos
- repetirei quantas vezes for necessário

projeto
que estampa em sua fachada
desenvolvimento progresso tecnologia

mas se materializa
em emergência climática
colapso ambiental
violência fome
morte e lucro

muita morte
muito lucro

nossa morte
lucro deles

eles
que nos apontaram os dedos
todos os dias por séculos

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



aponto-lhes hoje o ódio de volta
e grito junto com Jota:
“não vão nos matar agora!”
não, não vão!

não sou humana

e odeio essa ideia
de que a humanidade
é inerentemente boa
essencialmente boa

parto humanizado
escola humanizada
ABATE HUMANITÁRIO (???)

e aí quando um deles faz merda
e cês chamam de desumano
o resto dos homi cis branco adora
porque isso isola o problema nele
e não mancha a imagem
da tal da humanidade
que continua branquinha
"só mais um caso isolado!"

não sou humana!

pois humano

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



não é só projeto

é sistema

e é sistêmico o problema

portanto

pra responder a pergunta de Okara

faço coro com Susy Shock:

“no queremos ser más esta humanidad”

cansei de tentar salvá-la de si mesma

tanto interna quanto externamente

pois Martina pontuou precisamente:

“salvar é humano demais”

e Ailton Krenak também deu sua declaração:

“essa é a humanidade da exploração

da dissociação dos demais seres” e então

assim como Geni desistiu do gênero

desisto eu

agora

da espécie

não

sou

humana

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



e anseio pela trans. formação
do sou em somos
pois segundo Donna Haraway
“ser um é sempre devir com muitos”

e mais da metade desse corpo
são bactérias vírus fungos
e arquea

(Lina contaminou mesmo nossas ideias)

nós somos coletivas multiespécie!

somos muito mais-que-humanas!

somos arraias
dançando em espirais
em direção à luz do sol

somos moreias
arrancando em mordidas
os dedos que nos apontam nas ruas

somos orcas
nafragando barcos
que invadem territórios

somos recifes de corais

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



bioconstruindo moradias
determinadamente resistindo
ao embranquecimento do mundo

somos cavalos-marinhos
gestando em nossos ventres
outros mundos
múltiplos

somos fitoplâncton
nutrindo biomas
fluindo com as marés
renovando o oxigênio de gaia

somos águas-vivas bioluminescentes
brilhando azul em nossas próprias profundezas
com tentáculos que tanto nos protegem
quanto cauterizam nossas feridas

somos polvos
adaptando nossa expressão ao contexto
descentralizando os sistemas
para pensar também a partir do corpo

somos kraken
ou como diz Preciado
somos “o monstro que vos fala”
devorando inteiras as caravelas colonizadoras

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



nós somos cosmos
em contínuo processo
de construção e fortalecimento
de alianças selvagens

e Nêgo Bispo já alertou:
“a cosmofobia
é a grande doença da humanidade”

portanto, temam!

pois somos múltiplas

somos calma-ria
somos tempestade
somos tsunami

somos mar em revolta

**Mucho más-que-humana: la desistencia de la especie en tanto praxis
decolonial**

no soy humana

porque esta categoría siempre fue reservada
a los cis-varones hetero blancos
flacos ricos y sin deficiencia del norte global

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



no soy humana

porque existen más de 30 definiciones diferentes de especie
la mayoría escrita por los mismos cis-varones blancos
y ninguna de ellas me contempla

no soy humana

porque la especie
es tan socialmente construida
como raza y género

y por los mismos cis-varones blancos usada
en tanto herramienta de opresión
estructural y estructurante de la colonialidad capitalista

y Audre Lorde me enseñó
“las herramientas del amo
nunca desmontarán la casa del amo”

no soy humana

porque aprendí con María Lugones
que humano / animal
es la dicotomía central
de la modernidad colonial

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



y que vino acompañada de otros binarismos:

varón / mujer

cultura / naturaleza

civilizado / salvaje

y Greta Gaard señaló con razón:

uno de los lados

- el de ellos -

siempre superior

el otro

- el nuestro -

siempre subalterno

no soy humana

porque cuando dicen que lo soy

lo que realmente quieren decir

es que soy obligada a pagar cuentas

no soy humana

porque si fuera

no necesitaría tanto

luchar por derechos

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



no soy humana

porque las travas las tortas las locas
las negras las gordas las monstruas
las originarias las neuroatípicas las con deficiencia

nosotres
y todas las otras disidencias
siempre fuimos animalizadas

y es justamente a través de nuestra animalización
que la racionalidad colonial blanca
"justificó" y sigue "justificando"

el racismo
el genocidio
el epistemicidio
la esclavitud

al final, ¡ni tenemos alma!

no soy
humana

porque humano
no es solo especie

es el proyecto de mundo

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



de los mismo cis-varones blancos
- lo repetiré cuantas veces sea necesario

proyecto
que imprime en su frente
desarrollo progreso tecnología

pero se materializa
en emergencia climática
colapso ambiental
violencia hambre
muerte y lucro

mucha muerte
mucho lucro

a nosotres, la muerte
el lucro, de ellos

ellos
que nos señalaron con sus dedos
todos los días durante siglos

les señalo hoy el odio de vuelta
y grito junto con Jota
“no nos van a matar ahora”
no, ¡no van!

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



no soy humana

y odio esta idea

de que la humanidad

es inherentemente buena

esencialmente buena

parto humanizado

escuela humanizada

MATADERO HUMANITARIO (???)

y ahí cuando uno de ellos la caga

y ustedes le dicen inhumano

al resto de los chabones cis blancos les encanta

porque eso aleja el problema en él

y no mancha la imagen

de tal humanidad

que sigue blanquita

“¡solo otro caso aislado!”

¡no soy humana!

porque humano

no es solo un proyecto

es sistema

y es sistémico el problema

por lo tanto

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



para responder la pregunta de Okara

me sumo a Susy Shock:

“no queremos ser más esta humanidad”

me cansé de intentar salvarla de sí misma

tanto interna cuanto externamente

porque Martina dijo precisamente

“salvar es demasiado humano”

y Ailton Krenak también nos dio su declaración:

“esta es la humanidad de la explotación

de la disociación de los demás seres” y entonces

como Geni desistió del género

desisto yo

ahora

de la especie

no

soy

humana

y anhelo por la trans.formación

del soy en somos

porque según Donna Haraway

“ser uno es siempre devenir-con muchos”

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



y más de la mitad de este cuerpo
son bacterias virus hongos
y arqueas

(Lina contaminó realmente nuestras ideas)

¡nosotras somos colectivas multiespecie!

¡somos mucho más-que-humanas!

somos rayas
bailando en espirales
hacia la luz del sol

somos morenas
arrancando a mordeduras
los dedos que nos señalan en las calles

somos orcas
hundiendo barcos
que invaden territorios

somos arrecifes de coral
bioconstruyendo viviendas
determinadamente resistiendo
al blanqueamiento del mundo

somos hipocampos

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



gestando en nuestros vientres

otros mundos

múltiples

somos fitoplancton

nutriendo biomas

fluyendo con las mareas

renovando el oxígeno de gaya

somos medusas bioluminiscentes

brillando azul en nuestras propias profundidades

con tentáculos que tanto nos protegen

como cauterizan nuestras heridas

somos pulpos

adaptando nuestra expresión al contexto

descentralizando los sistemas

para pensar también a partir del cuerpo

somos kraken

o como dice Preciado

somos “el monstruo que os habla”

devorando enteras las carabelas colonizadoras

nosotres somos cosmos

en continuo proceso

de construcción y fortalecimiento

de alianzas salvajes

y Nêgo Bispo ya nos advirtió
“la cosmofobia
es la gran enfermedad de la humanidad”

por lo tanto, ¡teman!

porque somos múltiples

somos tranquilidad

somos tormenta

somos tsunami

somos mar en revuelta

Bibliografía

Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora

Costa, A. (2022). “Curso de Extensão em Emergência Climática”. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MdCdIXQY-WTfCfU3DxBDX0>

Costa, A. (2022). “Limites Planetários, Colapso Ecológico e Antropoceno”. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MGiWUtwqu3QM8zTJklI0X2>

Davidson, M. Poesia sem título. Leitura por Mar Revolta disponível em <https://www.instagram.com/reel/CwLHVwLrmRn/?igshid=MzRlODBiNWFlZA>
≡≡

Ferreira, R. (2022). *“Como um pedaço de carne”: uma análise das metáforas do consumo de corpos e a colonialidade da linguagem no Sul do Brasil (1985-2020)*. Editora Dialética.

- Gaard, G. (2011). Rumo ao ecofeminismo queer. *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 197.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100015>
- Gaard, G. (2011). "Ecofeminism revisited: rejecting essentialism and replacing species in a materialist feminist environmentalism". *Feminist Formations*, 23(2), pp. 26-53.
- González, A. G. (2019). "Deshacer la especie. Hacia un antiespecismo en clave feminista queer", *Tempo, Espaço e Linguagem*, 10(2) pp. 45-70. DOI:
<https://doi.org/10.5935/6644.20190019>
- González, A. G. & Davidson, M. "Alianzas salvajes. Hacia un animalismo decolonial, transfeminista y anticapacitista", *Desbordes*, 13(1), pp. 12-54
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. Ubu Editora
- Ko, S. (2021). "Por 'humano' todo el mundo se refiere solo a 'blanco'". En Ko, A. & Ko, S. *Aphro-ismo: Ensayos de Dos Hermanas sobre Cultura Popular, Feminismo y Veganismo Negro*. Ochodoscuatro Ediciones, pp. 61-74.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Lorde, A. (2018). *The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House*. Penguin Classics.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Rev. Estud. Fem*, 22(3),
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Cobogó
- Núñez, G. "Desistência de gênero: e se pararmos de ressignificar e disputar a entrada no clube do Humano?" Disponível em <https://www.instagram.com/p/Ca5nZUAPoMi/>
- Oliveira, F. A. G. (2021). Especismo estrutural: animais não humanos como um grupo oprimido. In Parente, Á., Danner, F., & Silva, M. A. da. *Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*. RS: Editora Fi, pp. 48-71.
- Preciado, P. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Zahar
- Quebrada, L. d. (2022). "Quem soul eu". Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7P2dd1ZCZEM&ab_channel=LinndaQuebrada
- Susy Shock (2017). *Hojarascas*. Editorial Muchas Nueces

**Muito mais-que-humana:
a desistência da espécie enquanto práxis decolonial
Mar Revolta**



Yby, O. "Antirracismo y Antiespecismo: queremos a humanidade?". Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cwxs8cxLRtn/?igshid=MzRlODBiNWFiZA==>

MAR REVOLTA

É travesti sapatão não-binária, desistente da espécie, tatuadora (@vintetrestattoo), educadora climática e idealizadora do podcast Revolta Climática. Militante ecossocialista pelo Subverta (@subvertamos) e antiespecista pelo C.A.V.A.L.O. (Coletivo Anticapitalista por um Veganismo Acessível e Livre de Opressão - @coletivocavalo). Graduada em Engenharia Mecatrônica pela Escola Politécnica da USP, mestra em Engenharia Mecânica pela TU-München. Também concluiu os cursos de extensão em Emergência Climática (52h) e Limites Planetários, Colapso Ambiental e Antropoceno (60h) pela Universidade Estadual do Ceará. Instagram: @mar.revolta.